



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

**A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA FEMININA NEGRA EM O MUNDO
NO BLACK POWER DE TAYÓ, DE KIUSAM DE OLIVEIRA**

SAYONARA LIMA DAWSLEY

GUARABIRA-PB
2018

SAYONARA LIMA DAWSLEY

**A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA FEMININA NEGRA EM O MUNDO
NO BLACK POWER DE TAYÓ, DE KIUSAM DE OLIVEIRA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil como requisito para a obtenção do título de especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a Ms. Paula Maria Fernandes da Silva

GUARABIRA-PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D272r Dawsley, Sayonara Lima.
A representatividade da criança feminina negra em O mundo no black power de Tayó, DE Kiusam de Oliveira [manuscrito] : / Sayonara Lima Dawsley. - 2018.
46 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Paula Maria Fernandes da Silva, Departamento de Educação - CH."

1. Black Power. 2. Estética Negra. 3. Representatividade.
4. Criança feminina.

21. ed. CDD 305.8

SAYONARA LIMA DAWSLEY

**A REPRESENTATIVIDADE DA CRIANÇA FEMININA NEGRA EM O MUNDO NO
BLACK POWER DE TAYÓ, DE KIUSAM DE OLIVEIRA**

Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Educação Étnico-Racial na
Educação Infantil como requisito para a
obtenção do título de especialista.

Aprovada em: 13 / março / 2018

BANCA EXAMINADORA

Paula Maria Fernandes da Silva

Profª Ms. Paula Maria Fernandes da Silva – (Orientadora)

Ivonildes da Silva Fonseca

Profª Drª Ivonildes da Silva Fonseca – (Examinadora)

Waldecir Ferreira Chagas

Profª Dr. Waldecir Ferreira Chagas – (Examinador)

Aos meus pais de coração, Graça e Fernando

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, a N. Senhora, aos anjos e aos demais seres divinos de luz que iluminam a minha vida. Eu creio nas promessas de Deus!

Abrços e beijos fraternos aos meus familiares que torcem pela minha vitória.

Ao Igor Michel que pacientemente tenta me compreender.

As amigas que ganhei na especialização – Tati, Janaina e Jaqueline.

Vocês são a mais afetuosa lembrança.

Aos colegas Fábio, Paulo e Jean, agradeço a gentileza.

Aos professores da especialização da UEPB – Sheila, Waldeci, Wallace, Ivonildes – pelo amor à causa.

À minha orientadora, Prof^a Ms Paula Fernandes. Obrigada pela acolhida afetuosa e generosidade.

Aos professores que participaram da banca.

RESUMO

A literatura vem apontando vários segmentos para atender a pluralidade ideológica presente na contemporaneidade. Assim, a literatura infantil negra busca fortalecer valores estéticos, desconstruir estereótipos, questionar preconceitos e apresentar uma nova construção literária que venha quebrar com o imaginário segregador. Como aporte teórico recorreremos as contribuições de Kabengele Munanga (1996/2008), Nilma Lino Gomes (2008), Stuart Hall (2011), Regina Dalcastagnè (2012), Chimamanda Ngozi Adiche (2017), entre outros. A apropriação do processo possibilitou intensas ações que estimularam a valorização do sujeito mediante as esferas sociais, reconhecendo o empoderamento como uma chave para abrir a porta em benefício da conscientização.

Palavras-chave: Black Power; Estética Negra; Representatividade; Criança feminina

ABSTRACT

Literature has pointed out several segments to understand the ideological plurality present in contemporary times. Thus, black children's literature seeks to strengthen aesthetic values, deconstruct stereotypes, question prejudices and present a new literary construction that breaks with the imaginary segregator. The theoretical contributions, we used the contributions of Kabengele Munanga (1996/2008), Nilma Lino Gomes (2008), Stuart Hall (2011), Regina Dalcastagnè (2012), Chimamanda Ngozi Adiche (2017), among others. The appropriation of the process allowed intense actions that stimulated the valuation of the subject through the social spheres, recognizing empowerment as a key to opening the door for the benefit of awareness.

Keywords: Black Power, Black Esthetics, Representativeness, Female Child

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
A LITERATURA SOB UM OLHAR INFANTIL	12
1.1 – O mundo encantado da literatura	17
1.2 – Um jeito de olhar	20
1.3 - Um olhar sobre a representação da criança brasileira	22
CAPÍTULO 2	
TAYÓ E OS ELEMENTOS DE REPRESENTATIVIDADE	26
2.1 – Além das ilustrações	30
2.2 – Os elementos e a moldura	30
2.3 – Entre os ambientes de representatividade	37
CONSIDERAÇÕES.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios educacionais é a incorporação dos múltiplos eixos de representatividade presente na sociedade brasileira. Diante de um aspecto fomentado pela miscigenação, o próprio espaço territorial abarca inúmeras concepções culturais, sociais, étnicas e econômicas que foram construídas pelos diferentes povos ao longo da história da formação do Brasil.

São essas narrativas históricas que alicerçaram a formação da identidade brasileira sob uma ótica eurocêntrica, essa construção foi dissipada por um abismo entre os pertencentes e não pertencentes, resultando em suas implicações de hierarquização em relação as outras etnias.

Diante dessas relações que foram criadas podemos perceber o impasse com a linguagem e a representação das particularidades africanas no país. Portanto, é perceptível a necessidade de discutir sobre questões relativas a identidade, a representatividade e ao empoderamento da criança negra.

Ao considerarmos a Literatura como uma arte representativa e nossa pesquisa sobre os elementos da representação, buscamos apresentar a importância da Literatura infantil afro-brasileira para a construção da identidade étnico racial da criança negra.

Essas crianças não se reconhecem nas histórias oficiais, pois há uma imagem depreciativa da figura do negro. Desta forma, elas interiorizam a ausência, a segregação, a exclusão e por assim dizer estabelecem comportamentos e relações conflituosas com o meio social. Fatos que as aprisionam à estética, nos quais interferem na subjetividade, principalmente, com a menina negra.

Os aspectos da representatividade ganham nuances a partir dos movimentos e das instituições sociais que passaram a aprofundar estudos de (re)significação da condição de ser negro contrariando paralelamente o imaginário popular que foi persuadido pelos meios midiáticos a criar estereótipos. No entanto, as concepções de negritude vêm sendo construídas por intermédio desses movimentos consubstanciados em legitimar e conscientizar a presença negra nos espaços.

Sueli Carneiro no prefácio da obra *Raça e gênero no sistema de ensino*, de Ricardo Henriques (2002), problematiza a evasão de crianças negras no âmbito escolar por falta da representatividade e da receptividade. De acordo com Carneiro:

Dentre as violências experimentadas pelas crianças negras, está à negação do direito a uma imagem positiva que tem, particularmente sobre a autoestima das meninas negras, o seu efeito é danoso, sobretudo pela importância que a valorização estética tem sobre a condição feminina em nossa sociedade (HENRIQUES, 2002, p. 11).

Concretiza-se que as associações correspondem a uma opressão de sociabilidade que vai além da pigmentação da pele. O cabelo é outro elemento a apresentar-se como símbolo afro e logo esses dois elementos fazem parte do perfil estético e cultural da identidade negra. Ao trazerem em si as memórias ancestrais, elas reativam a historicidade em uma presença e participação ativa do indivíduo.

Referindo-se à estética como procedente étnico, o *corpus* selecionado para a pesquisa traz no próprio título elementos que potencializam o poder da ancestralidade e das marcas culturais através da figura personificada da pequena Tayó.

A obra foi lançada em 2013 pela editora Petrópolis, na qual a escritora Kiusam de Oliveira retrata uma menina negra de 6 anos que tem orgulho do seu fenótipo e exalta as particularidades de seu próprio mundo, uma digna descendente da mais alta casta africana.

A narrativa transborda símbolos, elementos e metáforas de uma riqueza cultural inseridos no próprio mundo mágico de seu *Black Power*¹. A sua concepção de auto aceitação e o seu empoderamento são refletidos em suas colocações e em seu posicionamento no mundo.

Juntamente com as ilustrações de Taisa Borges, a obra traz uma linguagem simples, porém recheada de informações, cores e traços artísticos elaborados em atender o mundo mágico infantil. A vibração e a composição da

¹ Black Power foi um movimento em meados de 1960 que objetivou valorizar e enfatizar o orgulho racial. Criando meios, instituições e políticas fundadas na promoção de interesses coletivos que assegurassem espaços aos negros.

obra são explícitas na forma mais natural e ressignificativa da estética afro-brasileira.

No primeiro capítulo, observamos a importância da representatividade na atmosfera literária para a criança negra. Pois, ao identificar-se nas historinhas, elas podem associar positivamente a sua identidade negra e se reconhecer como um sujeito coletivo. No segundo capítulo, analisamos a presença dos elementos de representatividade que compõe a obra *O mundo no black power de Tayó* (2013), de Kiusam de Oliveira.

Como aporte teórico recorreremos as contribuições de Kabengele Munanga (1996/2008), Nilma Lino Gomes (2008), Stuart Hall (2011), Regina Dalcastagnè (2012), Chimamanda Ngozi Adiche (2017), entre outros. Reconhecemos a importância da literatura negra infantil como apoio de representatividade positiva para a construção e valorização da identidade negra.

Diante das constantes lutas dos movimentos sociais negros, a produção contemporânea negra consolidou um lugar social que vem valorizando a identidade e as diferenças étnicas. A partir dessas novas formas de representação, podemos perceber a inserção de símbolos e traços da cultura negra e, conseqüentemente, a desconstrução de estereótipos negativos.

Portanto, a literatura vem apontando vários segmentos para atender a pluralidade ideológica presente na contemporaneidade. Assim, a literatura infantil negra busca fortalecer valores estéticos, desconstruir estereótipos, questionar preconceitos e apresentar uma nova construção literária que venha quebrar com o imaginário segregador.

Estamos relativamente ligados a esse passado, sendo assim, somos levados a pensar no silenciamento de personagens negras na literatura brasileira. Embora possamos constatar que após a abolição dos escravos uma sutil referencialidade toca o ser negro no Brasil, entendemos que a sua presença se configurou em um extenso período por um viés secundário e por uma concepção inferiorizada.

A figura do negro antes da abolição era quase inexistente, talvez em detrimento da ótica de assujeitamento em que o indivíduo negro se encontrava. Portanto, o objetivo é apresentar as riquezas para se valorizar os aspectos da cultura africana e afro-brasileira.

Embora haja livros didáticos e paradidáticos que apresentam um olhar sensível ao outro lado da história, devemos nos conscientizar que o processo de hierarquização está em todas as facetas sociais e principalmente inseridas no âmbito educacional e familiar². A partir desses pontos, devemos considerar que somos arremessados a mais de 300 anos de uma cultura exploradora e tais procedimentos são carregados por aspectos que remetem a ações diminutivas ou pejorativas da representatividade negra.

Em seu artigo *O literário e o identitário na literatura afro-brasileira* (2010), Zilá Bernd propõe uma associação entre a produção afro-brasileira voltada a

² Principais âmbitos para a formação do indivíduo.

aspectos identitários que superem a posição de marginalidade imposta. Segundo Bernd:

A literatura negra tomando a si a tarefa de protestar contra complicadas e sutis formas de racismo que perduraram na sociedade brasileira, que vê nos descendentes de africanos as marcas de mais de trezentos anos de escravidão [...] a tendência de a literatura negra assumir a causa dos direitos de igualdade dos negros brasileiros, transformando seus contos e poemas em bandeiras de luta contra a violência de que é vítima a comunidade afro-brasileira (BERND, 2010, p. 7)

Precisamos romper com esse silêncio e se fazer opositor dessa opressão a quem sempre teve o direito e o espaço da fala. A percepção dessas mudanças são instruídas para a construção de narrativas de representatividade, pois as crianças potencializam essas imagens estereotipadas e preconceituosas em que se sustenta um jogo de estética. Portanto as crianças, negras ou não negras, por intermédio da conscientização devem desmistificar esses valores cristalizados pelo período colonial e adquirir uma nova construção social.

O processo educacional é uma ferramenta para a conscientização dos valores étnicos de um povo e é possível utilizar da literatura para construir uma identidade étnica positiva para a criança negra brasileira. Acreditamos que a partir da reelaboração da própria figura e da desmistificação da ideia animalésca da pessoa negra através de um artefato cultural, se produzirá um novo modo de ver e de se ver como sujeito.

Em *Identidade, cidadania e democracia* (1996), Kabengele Munanga apresenta que os fenômenos de identidade e de etnocentrismo são inerentes as sociedades devido as relações que elas mantêm. Portanto, ele aponta que as diferenças passam por dois eixos que versam ora pela construção de estereótipos preconceituosos ou pela preservação do mecanismo da identidade.

Desse modo, Munanga acredita que:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses

econômicos, políticos, psicológicos, etc (MUNANGA 1996, p. 177-178).

A identidade como resistência introjeta as produções sociais buscando frear os estigmas e marginalizações. Assim, a obra literária infantil se configura como uma importante estratégia de criação de referenciais afirmativos da história e da cultura afro-brasileira, especialmente através de seus personagens protagonistas, pois as crianças como sujeitos observadores e autênticos vão adquirindo as marcas e as temáticas voltadas à negritude.

Apoiando-se nas discussões trazidas por autores como Stuart Hall (2011), Regina Dalcastagnè (2012), dentre outros autores, buscaremos abordar questões de saber, de poder e de identidade consubstanciada em uma representatividade valorizada para a criança negra. E assim, pontos que exerçam a descolonização do pensamento.

No caso da criança negra, entendemos que existe a necessidade de revisar e articular questões. Sabe-se que a literatura infanto-juvenil auxilia a construção da identidade e se não existe um reconhecimento positivo obteremos um processo de auto rejeição. Por isso, a importância de um processo de transferência que utilize a linguagem e a enunciação para uma efetiva ilustração de ser negro.

Mediante as colocações, escolhemos como *corpus* da pesquisa a obra *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), de Kiusam de Oliveira. A narrativa vem trazendo desde a titulação a amplitude da sua cultura e das suas características, como também, podemos observar que por meio da imagem da personagem negra existe uma ação em intensificar e chamar a atenção para o seu biótipo (cor, cabelo, traços do rosto).

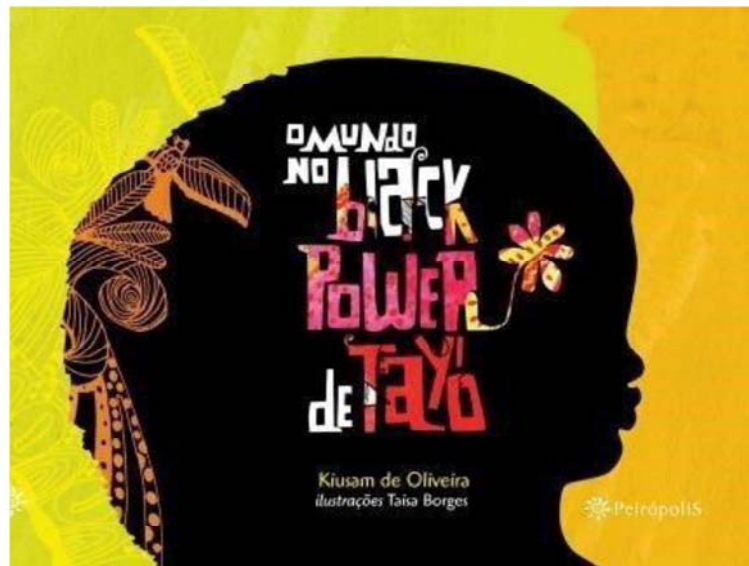


Figura 1 – Capa - *O mundo no black power de Tayó* (2013),
FONTE: OLIVEIRA, 2013

Podemos observar na imagem acima uma centralização da mensagem a partir das ilustrações de Taísa Borges que comungam com a escrita de Kiusam de Oliveira, pois a representatividade e a ideia do *Black is beautiful*³ ganham uma abrangência na obra.

Devemos levar em consideração que a identidade cultural é um processo construído por narrativas sobre o sujeito e pelo sujeito a partir de suas experiências. Ao pensarmos nas crianças e nas narrativas que são enfatizadas, principalmente no âmbito educacional, devemos evidenciar uma função que problematize os espaços e a visibilidade. Segundo Márcia Ferreira:

A diversidade cultural é característica fundamental de todas as sociedades, mas se ela costuma ser usada de modo a desfavorecer os grupos sem poder nas mesmas, dentro da escola isto também acontece. Dentro da escola essa diversidade é esquecida, é tornada invisível, e substituída por uma concepção monocultural que reveste tudo o que nela acontece: a seleção curricular, o trabalho pedagógico cotidiano, a imposição de normas e valores, o processo de avaliação, etc. (FERREIRA, 2002, p.100)

³ O preto é bonito (*tradução livre*). Slogan do movimento negro americano dos anos 1960.

Esses apontamentos de Ferreira referenciam a uma necessidade de espaço para que haja condições de discurso e de compreensão de determinantes afim de auxiliar na constituição de atitudes comprometidas com fatores políticos e ideológicos da negritude.

Consoante a esses aspectos, a identidade não é construída isoladamente, mas na interação com o outro. O olhar do outro interessa e sob essa perspectiva, as experiências e os discursos fundem-se construindo lugares para a efetivação do processo de representação.

Ana Rita Santiago em *Vozes literárias de escritoras negras* (2012) aponta que:

Por meio dessa literatura, na qual se compreende identidades e culturas negras (...) acredita-se que se constroem oportunidades de expressão de si, da negritude, de referências de africanidades, de vivências, bem como de concepções de mundo (SANTIAGO, 2012, p. 133)

Em razão desses posicionamentos, observamos que Stuart Hall apresenta a identidade do sujeito em continuo movimento e que ela “é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2011, p. 12).

Nesse contexto Stuart Hall se detém aos aspectos culturais onde o indivíduo diante dos diferentes momentos estabelece diferentes identidades. Observamos que os múltiplos deslocamentos são características dessa nova sociedade que está diante de uma pluralidade.

A compreensão deste estado é fundamental para que ilumine discussões e propostas transformadoras, pois não é possível dar sentido aos fatos com um simples toque da “varinha” mágica. As ações são necessárias e o uso de histórias permite a auto identificação, favorecendo mecanismos para resoluções de conflitos e de situações desconfortantes.

No capítulo *Um mapa de ausências* (2012), Regina Dalcastagné problematiza o mal causado pela invisibilidade. Segundo a autora, em frente a esfera literária, o leitor:

Pode querer encontrar ali alguém como ele, em situações que viverá um dia ou que espera jamais viver. Mas pode ainda querer entender o que é ser o outro, morar em terras longínquas, falar uma língua estranha, ter outro sexo, um modo diferente de enxergar o mundo. (...) Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidade, ainda que elas sejam múltiplas (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 147)

Entendemos que a literatura afro-infantil potencializa o trabalho de ações afirmativas e cria um cenário de visibilidade da negritude, potencializando a produção de identidades culturais desde tenra idade.

1.1 – O mundo encantado da literatura

A arte de contar histórias nos remete a tempos tão remotos quanto à necessidade de comunicação, pois através dessas ações os conhecimentos e os valores são transmitidos de geração a geração, atravessando as fronteiras e provocando emoções.

Em *Leitura literária na escola* (2011), Renata Souza e Berta Feba apresentam um novo modo de leitura baseado em aspectos lúdicos. Existe uma emergência em trabalhar sob uma perspectiva que desenvolva a interatividade entre os textos e os leitores. E assim, somados as inovadoras características ao selecionar formas, cores, luzes, riscos que são instruídos a atender um novo projeto estético que venha agradar ao público leitor.

Ressaltamos que a oralidade como fonte de transmissão de conhecimento e cultura situa a identidade cultural de determinadas localidades. A importância do fazer-se contar foi essencialmente concebida pela necessidade de objetivar a comunicação. Segundo Renata Souza e Berta Feba:

As primeiras civilizações utilizavam a linguagem oral para repassar aos seus descendentes a sabedoria deixada por seus antepassados, para solucionar problemas e manter vivas as tradições e segredos de seus povos. Nesse sentido, ao olharmos para a história da humanidade constatamos que ela está fortemente marcada pelo uso que os homens fizeram das narrativas para que pudessem se descobrir enquanto pessoas e para repassar às gerações futuras sua identidade e as descobertas realizadas em consequência de suas necessidades, ou seja, o fazer-se ser humano foi construído no decorrer da história narrada. (SOUZA; FEBA, 2011, p. 153).

A identificação do sujeito na comunidade dar-se por uma representatividade narrativa através de aspectos orais ou simbólicos. Logo, o contar de histórias não se limita a um entretenimento, mas a uma complexa vitalização de acontecimentos culturais. Por meio dos mitos, lendas, fábulas, canções, contos, entre tantos outros, temos modos expressivos capazes de chegar a um outro eu, favorecendo o processo de identificação.

O encantamento das histórias nos levam a um mundo paralelo de fantasias e de possibilidades fundidos em um função atemporal. As imagens são criadas e conduzidas pelas emoções em uma mistura de alegria, de sofrimento, de espanto, ou poderíamos entender como o próprio processo de empatia. Em que a voz do discurso envolve o outro.

Em rodas de amigos, em conversas familiares durante as refeições, ou até mesmo ouvindo as histórias dos jornais, são momentos que despertam a curiosidade de quem ouve. A oralidade e o impacto dessas narrativas processam por si só a imaginação, e assim também se apresentam para o mundo infantil, pois as crianças não se encontram de forma passiva ao ouvir as histórias, elas estão sempre filtrando alguma informação.

O seu próprio processo de recontar a história apresenta uma singularidade, a criança ao ouvir a história deseja que as informações sejam sempre precisas, mas as suas releituras estão recheadas de apontamentos, pois podemos observar que a criança não quer alteração ao ouvir a história, mas ela própria elabora a sua interpretação e a cada leitura interpretativa, ela possibilita novas associações.

Em sua pesquisa, Deise Rios apresenta que a linguagem literária no contexto da educação infantil problematiza “concepções e práticas que defendam as crianças como sujeitos ativos nos contextos dos quais fazem parte, reconhecendo-as não como meras reprodutoras de cultura, mas sim como produtoras de culturas” (2009, p.8).

A criança, enquanto sujeito no processo, elabora uma compreensão da narrativa por meio da “reconstrução do mundo pelas palavras” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 104), e muitas vezes ela necessita “encontrar um mundo preferível àquele em que vivemos” (PERRONE - MOISÉS, 2006, p. 104).

Partindo dessas colocações, observamos que o universo da criança carrega em si um alto nível de afetividade e esses aspectos são norteados por

detalhes que são fixados pela ótica infantil em que há um encontro com o deslumbramento. Segundo Antônio Candido (1972):

As criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. As camadas profundas de nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar (CANDIDO, 1972, p.5).

Portanto, as histórias lidas ou ouvidas são filtradas por sua própria percepção de mundo, e assim as crianças reconfiguram o seu ambiente associando-o a imaginação.

A criança dispõe de uma energia e inteligência que potencializam sua construção imaginária, o contato com a leitura, não apenas as grafadas, mas ao processo de leitura interpretativo é feito desde tenra idade, onde cada criança estabelece a sua concepção do exterior.

Devemos compreender que a existência dessa produção simbólica condiz desde o primórdio da civilização onde a leitura interpretativa é um eixo para se compreender determinados significantes. Ou seja, a existência da mensagem é interligada de emissor para um receptor. Assertivamente, a comunicação é necessária e conseqüentemente se obtém uma leitura.

Em sua abordagem sobre *A criança e a literatura* (2012), Zélia Machado apresenta uma pesquisa em que os espaços e as mediações são questionadas, partindo do pensamento que:

Se aprende a gostar de ler narrativas e poemas na infância, dificilmente esse gosto poderá ser substituído ou anulado, porque a experiência literária, seja ela em que suporte for, já mostrou como a sua matéria-prima feita de palavra e imagem é capaz de produzir elos entre subjetividades, de instaurar novas relações com as linguagens, de estimular a imaginação tão necessária à vida. Enfim, a leitura literária, quando bem trabalhada desde a infância, desencadeia processos criativos que passam a oferecer compensações simbólicas e ajudam a dar sentido à existência. (MACHADO, 2012, p. 35).

A leitura desse mundo causa variados efeitos ao que concerne a enunciação, pois o aspecto literário é consubstanciado pelo processo de referenciação. Sendo assim, é interessante observar a influência dos contos no

imaginário infantil e como se desperta a identificação das crianças, pois esse processo possui pluralidades que transitam por contínuos diálogos e traçam pontos identitários, oferecendo ao leitor aspectos de interação.

1.2 – Um jeito de olhar

Vejamos que qualquer objeto nas mãos de uma criança transforma-se em uma máquina de faz de conta, na qual a realidade e a imaginação se entrelaçam e constroem um espaço para o desenvolvimento emocional, social e intelectual da criança. As crianças passam a produzir formas expressivas relacionando elementos íntimos com a visão que se tem sobre o mundo exterior a partir da imaginação.

Entre espadas, castelos, reinados, foguetes, terras longínquas, “era uma vez” e “felizes para sempre”, podemos observar o fluir do pensamento e a liberdade de ser criança. Esse olhar de criança passa a simbolizar e dar sentidos a elementos habituais da infância. Logo, são os seus sentimentos e as suas experiências que impulsionam e traduzem o mundo real numa visão pessoal. Esse olhar da criança estabelece com o meio uma percepção de se compreender como sujeito social.

As ações de uma criança são exercícios interpretativos e vinculam-se a uma criatividade que vai além dos espaços. Entre brincadeiras e sonhos, as fantasias ganham e projetam significados, por isso aos pensarmos em uma literatura infantil devemos identificar características que constatarem o elo entre os mundos e os olhares de quem vive nele. Portanto, o aspecto da representatividade nas letrinhas e historinhas auxiliam o processo de construção desse indivíduo.

Ao entrarmos em livrarias e bibliotecas, observamos que as sessões infantis com suas cores e tamanhos chamam a atenção do público-mirim. O mercado editorial passa a ver a criança como um objeto – foco, pois se inicia uma preocupação mercadológica em atender esse público.

Nem sempre existiu esse olhar para a infância, alguns autores trazem o surgimento dos contos de fada - literatura infantil - como uma literatura voltada para o público adulto e que posteriormente foi se modificando e se tornando acessível ao público infantil porque não existia uma ideia que desvincula-se a

criança do adulto. Em sua pesquisa sobre a literatura infantil brasileira, Regina Zilberman (2005) afirma que:

No começo, a literatura infantil se alimenta de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando as adaptações; aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente, que se convertem nos contos para crianças; ou ao público de outros países, determinando, nesse caso, traduções para a língua portuguesa (ZILBERMAN, 2005, p. 18).

Segundo Zilberman, a escolarização brasileira foi repensada em meados da década de 60 e sua organização foi pensada a partir da faixa etária. Porém, só a partir da década de 1970 é que a literatura infantil brasileira ganhou uma maior notoriedade e conseqüentemente uma maior importância tendo-se em vista o seu reconhecimento dentro da escola.

Durante os anos 70, foi como se a literatura infantil brasileira começasse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público. A recompensa foi seu crescimento qualitativo, que a coloca num patamar invejável, mesmo se comparada ao que de melhor se faz para a criança em todo o planeta (ZILBERMAN, 2005, p. 52).

Da contação à leitura, da transmissão da memória a ensinamentos, a arte de narrar é um ponto elementar onde lendas, mitos e contos são transformados em heranças culturais. Essas narrativas populares que dominam o coletivo alimentam o universo mágico, segundo Nelly Novaes Coelho (2000):

Ao estudarmos a história das culturas e modo pelo qual elas foram transmitidas de geração para geração, verificamos que a Literatura foi o principal veículo para a transmissão de seus valores de base. Literatura oral e literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebem a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram antes de nós com os valores herdados e por sua vez renovados (COELHO, 2000, p.13).

Portanto, a arte de contar histórias é uma teia que faz uma abordagem literária e performática de uma emergência oral. Sendo assim, germinaram obras como as de Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Andersen que atravessaram séculos e tornaram-se referências mundiais no horizonte literário.

Por meio de um “era uma vez...” que o impossível torna-se possível, a criança ouvinte ou leitora é convidada para o mundo de possibilidades e passa a reconstruir narrativas fantásticas. De acordo com Coelho (2000):

[...] a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção (...) a finalidade dessas histórias é confirmar a necessidade de se suportar a dor ou correr riscos para conquistar a própria identidade (COELHO, 2000, p.55 - 57).

As histórias de Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela, entre tantos contos infantis são respaldados por uma perspectiva eurocêntrica, e o desejo da criança negra é de também ocupar essas narrativas, mas como compreender e aceitar o lugar do outro se os referenciais são apenas uniformizados em uma particularidade branca.

1.3 - Um olhar sobre a representação da criança brasileira

A clássica literatura infantil não continha uma protagonização de personagens negros porque eles estavam envoltos de uma invisibilidade causada pela ideologia de não sujeito, sendo tão significativa que quase não existia no imaginário popular histórias com personagens negros. E as súbitas aparições eram fundidas em formas depreciativas, inferiorizadas, estigmatizadas e, porque não dizer, animalesca. Além de existir uma tendência as questões da mestiçagem como mito para a democracia racial.

O racismo camuflado vinha ao encontro da necessidade de se criar situações que pudessem representar um apaziguamento dos problemas sociais, étnicos e raciais. Dessa forma, vendia-se a ideia de um país diversificado e, por muito tempo, foi quase impossível pensar na violação causada a história do Brasil.

O processo de autoafirmação, de identidade, de territorialidade e da própria ancestralidade de matriz africana são características respaldadas na produção contemporânea. Segundo Jovino (2006), se busca:

Uma linha de ruptura com modelos de representação que inferiorizem, depreciem os negros e suas culturas. São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando, de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana (JOVINO, 2006, p. 188)

Regina Dalcastagné acrescenta que:

De modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à invisibilidade desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Neste caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade. A pergunta que surgia então era se para fazer isso não seria preciso, muito mais que excluir esses grupos de suas histórias, mostrar alguma tensão existente, provocada pelos que não parecem estar ali (DALCASTAGNÉ, 2012, p.21).

É interessante pontuar como essas produções literárias contemporâneas estão marcando e legitimando um grupo étnico-social. Portanto, Jovino e Dalcastagné sintetizam essas determinações como bons fluídos ao condicionamento social das identidades culturais, sociais e étnicas. Essa valorização funde-se com o posicionamento de Stuart Hall (2011) em que:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2011, p.51).

A construção desse novo olhar possibilitou ao longo das últimas décadas um objeto de reflexão em que se observa o aspecto da representatividade da criança negra no âmbito literário. A Literatura Infantil interrelacionada aos pontos enigmáticos das crianças negras passa a problematizar a formação desses leitores e a sua representatividade, desconstruindo essa ótica europeia que foi internalizada na literatura clássica.

Com a mudança desses procedimentos em que ocorre uma representação da criança negra, conseqüentemente, obtemos um estímulo no desenvolvimento cognitivo e afetivo no qual a criança passa a produzir uma proximidade com as histórias.

A construção subjetiva dos sujeitos é um sistema complexo que se produz simultaneamente à condição social e histórica do indivíduo. Essa relação estrutural determina aspectos na construção da política de identidade, por isso existe uma grande preocupação na reelaboração representativa da população negra.

Ao pensar nos distúrbios ocasionados a população afro-brasileira, podemos perceber que desde a escolaridade infantil existe uma desvalorização do fenótipo negro. E como resultado, não ocasiona uma interatividade entre a criança e esse “outro” mundo que a deixa excluída e que propõe uma limitação social. Ocasionalmente uma fluída preocupação, tendo-se em vista que a identidade é uma construção social. Segundo Hall (2011, p. 39), a identidade surge de uma “inteireza que é preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”.

A invisibilização e o repúdio referentes a negritude são filtrados e funde-se à ideia de pertencimento e não pertencimento. Existe uma consequência psicológica onde as crianças negras apresentam um alto índice da baixa autoestima ocasionando a falta de integração social. Segundo Kabengele Munanga (2008) é necessário que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas (MUNANGA, 2008, p.9).

A referência existente para as primeiras leituras são voltadas para clássicos que apresentam uma concepção branca e frágil. E esses reflexos são vistos na mídia contemporânea, principalmente para as meninas negras por serem oprimidas e não se encaixarem na padronização da beleza europeia.

As indústrias e as mídias trouxeram em um extenso período, objetos de usos pessoais que deveriam ser consumidos de forma uniformizada, não atendendo as particularidades dos sujeitos.

No entanto, é perceptível o caráter múltiplo e interdisciplinar da literatura infantil na contemporaneidade, pois há uma ruptura com os aspectos

estereotipados e se observa uma nova abordagem de concepções de discursos, até então marginalizados, que passam a serem reconstituídos.

CAPÍTULO 2: TAYÓ E OS ELEMENTOS DE REPRESENTATIVIDADE

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (Nelson Mandela)

Desde tenra idade toda criança possui um vínculo com as “historinhas infantis”, por via da oralidade ou pelas imagens, elas se encantam com esse mundo fantástico. É perceptível que qualquer objeto nas mãos de uma criança transforma-se em um faz de conta, onde a realidade e a imaginação se entrelaçam e constroem um espaço livre para despertar e favorecer o desenvolvimento emocional e intelectual da criança.

Entre espadas, castelos, era uma vez, terras longínquas, reinados, foguetes, podemos observar o fluir do pensamento e a liberdade de ser criança. Logo, os seus sentimentos e as experiências se impulsionam e traduzem o mundo real numa visão pessoal, onde a imaginação cresce e faz acontecer um mundo.

As ações de uma criança são exercícios interpretativos e vinculam-se a uma criatividade que vai além dos espaços. Entre brincadeiras e sonhos, as fantasias ganham e projetam elementos expressivos, por isso aos pensarmos em uma literatura infantil devemos identificar características que constatarem o elo entre os mundos e os olhares de quem vive nele.

Pensando nesse ponto e nos próprios contos de fadas, observamos que as crianças negras não são representadas e não se identificam com as princesas e príncipes impostos pelos padrões eurocêntricos. Portanto, buscaremos por meio do *corpus* em análise apresentar como o processo de representação influencia a subjetividade da criança negra.

Ao lembrarmos das histórias contadas na nossa infância, não há uma representatividade positiva do negro. Encontramos, sim, elementos⁴ degenerativos sobre o indivíduo. No campo literário, a personagem negra aparece, e quando aparece, é sob um viés de subalternização ou voltado para uma inferiorização das características dos fenótipos. Por um longo período, a

⁴ “Coisa de preto”. “Catinga de nego”. “Preto só é gente no banheiro”.

historicidade invisibilizou o negro, silenciando a sua presença e inibindo a sua contribuição.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie no Technology, Entertainment and Design (TED⁵) discursou sobre a construção cultural e a forma negativa dos estereótipos. Essa distorção de informações leva-nos às palavras de Chimamanda que trata do malefício de se ter uma única fonte de influência, uma única história, uma única reta de informações que permeiam na configuração homogênea e na imersão de estereótipos de discriminação das identidades culturais.

As vivências apresentadas por Chimamanda correspondem aos mecanismos de representatividade. Diante das suas colocações, podemos observar o impacto da invisibilidade, conforme a citação a seguir:

Porque tudo o que eu havia lido eram livros em que os personagens eram estrangeiros, fui convencida de que livros naturalmente tinham de ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não poderia me identificar. Mas tudo mudou quando eu descobri livros africanos (...) Tive uma virada na minha percepção sobre literatura. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele de cor de chocolate, cujo cabelo crespo não dava pra fazer rabo-de-cavalo, também poderiam existir na literatura.

A falta de representatividade positiva da população negra reproduz um discurso de insatisfação acerca do fenótipo do que é natural, e esses itens são coagidos pela mídia que lança a ideia do “bonito”, “liso”, “fino”, “claro”, criando um aspecto de uniformização e desqualificação das particularidades de outros grupos. O cabelo crespo, nariz largo, boca grande, são alguns elementos “ditos” de inferioridade que coabitam o que é ser negro.

Diante desses aspectos, quando se rompe com os elementos de assujeitamento, deve-se abordar o conceito de identidade. A sua constituição fomenta por meio de suas práticas sociais onde os sujeitos se fundem em resposta aos valores prescritos no viés da sociabilidade.

O não reconhecimento gera conflitos entre esse eu (interior) e o exterior (sociedade) ao apresentar um abismo e a impossibilidade de interação. Como resultado deste distanciamento, temos a exclusão. A partir do momento que o

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>

indivíduo liga suas experiências ao passado e percebe que houve uma lacuna histórica da contribuição dos seus ancestrais, ele contesta as identidades para construir uma nova história.

Em sua obra *Do silêncio do lar ao silêncio escolar* (2000), Eliane Cavaleiro aborda as discriminações que circundam as crianças negras. Cavaleiro faz uma apresentação sobre a falha no sistema educacional por não dar assistência as diferenças étnicas. Segundo Cavaleiro (2000, p.25):

A precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros permitem que as crianças negras neguem sua identidade racial e busquem cada vez mais aproximar-se das características que as aproximam do branco.

A falta de uma representatividade configurou em silêncio e ausência na história do povo negro. Sobre o seu corpo foi sendo designado os trabalhos braçais e inibindo-se todas as referências positivas. A abordagem que Sylvia Caiuby Novaes faz em sua introdução, em torno das concepções de autoimagem e identidade, vem comungar com a ideia de coletividade. De acordo com Novaes:

[...] O conceito de identidade deve ser investigado e analisado, não por uma importância antropológica, mas, porque ele é um conceito vital para os grupos sociais contemporâneos, que o reivindicam. [...] Um grupo reivindica uma maior visibilidade social, face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido (NOVAES, 1993, p. 24-25).

A conscientização de que cada um tem seu jeito, leva-nos à eliminar esses sintomas depreciativos e discriminatórios que regem sobre a cor da pele, formato do rosto, aspectos do cabelo, entre outros. Esse ranço preconceituoso sob as franjas da democracia racial necessita ser sublinhado para que meios de combate e resistência sejam fortalecidos, ainda mais, para lutar e eliminar esse racismo camuflado.

Em função de possibilitar uma releitura sobre a história do povo africano e seus descendentes, põe-se necessário apresentar as contribuições históricas e culturais para a formação da identidade brasileira. Partindo de ações que valorizem a cultura africana.

A emergência de favorecer esse reconhecimento permite o preenchimento das lacunas históricas, uma (des)territorializando das atitudes

preconceituosas sobre suas origens, a criação de vínculos de solidariedade e o respeito à diversidade.

A construção de uma sólida consciência de autorepresentatividade através do empoderamento vai de encontro à submissão do processo de negação étnico racial. A criança negra precisa compreender que o fenótipo é uma característica desenhada para particularizar a sua imagem, logo quebrando esses anseios em volto dos “embranquecimentos” nas historinhas encantadas. Convidando a entender que cada cultura possui sua própria riqueza e beleza.

Diversos autores apresentam uma severa preocupação da relação entre o racismo e a educação. Em seu artigo *Até quando educaremos exclusivamente para a branquitude?* (2002), Romilda Iyakemi Ribeiro afirma:

Crianças brasileiras de todas as origens étnico-raciais têm direito ao conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas. Jovens e adultos têm o mesmo direito. Nas universidades brasileiras, procure nos departamentos as disciplinas que informam sobre a África. Que silêncio lamentável é esse, que torna invisível parte tão importante da construção histórica e social de nosso povo, e de nós mesmos? (RIBEIRO, 2002, p. 150).

Compreendemos que o incentivo do processo de constituição identificatória étnico racial das crianças por via do contato literário dar-se por uma questão de desmistificar, como também, de oferecer uma proposta didática que possibilite uma construção afirmativa da sua cor.

Assim, quando a criança entra na atmosfera literária, ela desperta o imaginário e o interesse pela leitura ao serem refletidas nessas historinhas infantis. Segundo Nelly Novaes Coelho, a Literatura Infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (COELHO, 1991, p. 5).

Ao se relacionar com a literatura e se identificar, a criança legítima de forma positiva a sua representação. Tendo em vista que “a experiência educativa deve expandir os conhecimentos e a significação das crianças” (AUGUSTO,

2013, p. 22) possibilitando, dessa maneira, combater a relação racista em uma sociedade marcada pela exploração dos sujeitos nas mais diversas dimensões.

2.1 –Além de ilustrações

Kiusam de Oliveira de forma magistral apresenta no próprio título da obra a amplitude e a complexidade de uma personagem negra empoderada. Ao analisarmos a concepção do *black power* podemos identificar a referencialidade a um mundo no qual a pequena Tayó compreende o poder de ser negra. Conjuntamente com as ilustrações elaboradas por Taisa Borges, a obra enfatiza as particularidades do fenótipo de uma criança negra e com isso observamos um laborioso trabalho das cores e formas das figuras para uma melhor compreensão e representação da simbologia.

O mundo no black power de Tayó (2013) é uma obra voltada para o público infantil que corresponde as perspectivas do empoderamento da criança negra. A autora apresenta uma personagem cheia de autoestima, que enfrenta as discriminações dos colegas que dizem quanto o seu cabelo é ‘ruim’.

No entanto, a pequena Tayó, de apenas seis anos, exhibe orgulhosamente o seu *black power* com muitos penteados e enfeites todos os dias. “Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso” (OLIVEIRA, 2013, p. 27), esse cabelo ‘fofo, lindo e cheiroso”. Tayó apresenta em seus discursos ações políticas, conscientização dos aspectos e da referencialidade do seu biótipo, a personagem apresenta-se como uma princesa da mais alta casta real.

A sensibilidade de Kiusam de Oliveira em capturar o significado do nome de Tayó, oriundo da língua africana iorubana⁶ que significa “dar alegria”, oferece-nos a apresentação de uma menina encantadora, de beleza rara e infinita. A narrativa se compõe de comparações enaltecidas da beleza negra, como poderemos observar no próximo seguimento.

2.2 – Os elementos e a moldura

⁶ A língua iorubá é um idioma da família linguística nígero-congolesa. Nigéria, Benin, Togo, Serra Leoa, República Dominicana e Brasil são alguns países que produzem a língua.

Kiusam de Oliveira enfatiza a beleza dos fenótipos ao comparar e adjetivar positivamente esses elementos. Culturalmente, os negros passam pelo processo de “clareamento” social em que termos como mulato, moreno, pardo, “beleza exótica”, descrição de “nem parece que é negra com esses traços finos”, são alguns dos elementos que reproduzem a ideologia racista.

A construção da identidade étnico-racial como um movimento não se dá apenas pelo próprio indivíduo e seu corpo, mas é promovido, também, com relação ao olhar do outro. Essa interação acontece nos mais diferentes âmbitos de sociabilidade e que fundidos possibilitam uma representação.

Ao pensarmos no universo negro e nas várias facetas apresentadas, devemos atentarmos para a importância das ilustrações nos livros afro-infantis. A perpetuação da imagem do negro como fedido, animalesco, escravo, submisso, ignorante, explorado, entre outros, são características que referenciam um ser selvagem, e nos aparece a seguinte pergunta: Qual criança desejaria identificar-se ou espelhar-se nessa construção?

Vejamos que quando existe uma imagem depreciativa ou uma não aceitação, vamos desviando ou contornando os enunciados para não criar vínculos. A pressão social sobre a estética feminina é maior do que a masculina, essa desvalorização e cobrança produzem um preconceito racial e prejuízos subjetivos. Essas práticas racistas são amplamente exercidas e reproduzidas culturalmente.

Esse racismo está presente diretamente no processo de socialização que parte de indivíduos brancos ou negros afetando as relações sociais. Portanto, a estética negra é formada por seus significados e valores que fazem referência a questão da subjetividade da população negra.

Segundo Waléria Menezes:

A criança negra poderá incorporar esse discurso e sentir -se marginalizada, desvalorizada e excluída, sendo levada a falso entendimento de que não é merecedora de respeito ou dignidade, julgando -se sem direitos e possibilidades. Esse sentimento está pautado pela mensagem transmitida às crianças de que para ser humanizado é preciso corresponder às expectativas do padrão dominante, ou seja, ser branco (MENEZES, 2002, p. 15).

No entanto, a obra de Kiusam de Oliveira apresenta as características faciais associadas a adjetivos afirmativos. Apresentando a figura de Tayó como aspecto de resistência. Veremos a seguir a representação da personagem e seus respectivos elementos de representatividade.

O padrão estético eurocêntrico conduziu e determinou o que é “beleza”. As características de delicadeza, fragilidade, traços finos, embranquecimento, entre outros, foram pontos plausíveis que deram subsistência a esses referenciais estéticos. Tendo em vista que os movimentos negros passaram a organizar uma identificação étnico racial, ocorre uma ressignificação coletiva que conduz a assumir positivamente a estética negra.

A apropriação do processo possibilitou intensas ações que estimularam a valorização do sujeito mediante as esferas sociais, reconhecendo o empoderamento como uma chave para abrir a porta em benefício da conscientização.

Esse processo veio assumir uma estética anteriormente negada pela imposição de uma ótica segregadora. Portanto, ao selecionarmos o *corpus*, buscamos compreender o processo de representatividade da criança feminina negra. Objetivando contribuir para a autoestima e a afirmação da estética negra a partir do empoderamento e, especialmente, pela apresentação de referenciais.

As associações em torno da cor da pele serem embaquecidas com alvejantes, o sentido antagônico entre branco bom e preto ruim, fazer o cabelo “obedecer”, perpetuaram na concepção popular e enrijeceram o racismo. Resultando aos corpos negros uma negação de sociabilidade e corporeidade.

Concluimos que recaiu sobre esse corpo negro um juízo de valor estigmatizado pela cor. E diante desse ponto, vislumbramos que significativas obras trazem personagens que procuram ou possuem ideias de embaquecimento. Como exemplo, temos Carolina Maia de Jesus que em sua obra *Diário de Bitita* (1986), apresenta a frustração causada na criança Bitita em razão da vontade de ser branca, adquirindo, assim, alguns privilégios da cor branca.

Em sua pesquisa *Transição capilar* (2015), Naira Gomes problematiza as abordagens fundidas sobre o corpo humano e seu fenótipo. Segundo Gomes:

Delegaram às chamadas raças brancas o lugar de paradigma de beleza, o ápice da pirâmide estética e relegou às raças não brancas, especialmente a negra, a base da sua hierarquização — pode-se citar outras esferas da hierarquização como as das qualidades morais e intelectuais. Neste sentido, percebemos que características físicas são lastro, substrato material de qualquer processo de construção identitária, especialmente num jogo imbricado onde raça, cor e estigmas misturam-se e colocam os negros em severas desvantagens representacionais (GOMES, 2015, p. 8).

A partir dessas dimensões estéticas podemos avaliar e considerar os prejuízos históricos, sociais e econômicos que ultrajaram o indivíduo negro. A seguir exporemos as imagens elaboradas no livro, a fim de analisarmos a positividade das cores e dos traços utilizados na elaboração da obra.

Ao apresentar a personagem, observamos que existe uma preocupação com as cores para se atender ao nome de Tayó. O próprio nome carrega em si a significação de alegria e suas comparações são com elementos provindos da riqueza cultural africana.

O mundo infantil penetra no mundo mágico possibilitando novas leituras e interpretações. As associações prescritas a partir de Tayó traduzem um pertencimento a mais alta casta real, assim identifica-se uma vinculação a ideia de princesas e príncipes. E assim, os contos de fadas e o mundo mágico ganham novos adereços e proporcionam às crianças negras um espaço de identificação.

Faremos as relações dos elementos faciais de Tayó, pois buscamos apresentar as relações de si dessa personagem contidas na narrativa. Procurando incorporar as contribuições dos contextos e de que forma essa representação se faz em benefício da conscientização de ser negro.



Figura 2 – Os olhos da personagem Tayó
FONTE: OLIVEIRA, 2013. Pag. 10

A ilustração nos surpreende com o primeiro elemento. Os olhos de Tayó são comparados a mais bela noite de luar com estrelas faiscantes. Identificamos na configuração da narrativa que a calma e o mistério das noites são pontos enaltecidos. É a partir dos olhos que enxergamos o mundo e entendemos como o mundo nos enxerga. A captação da ilustradora com o detalhe, a fixação do olhar e o jogo de cores fortes e vibrantes transmitem uma determinação oriunda da personagem.



Figura 3 – O nariz da personagem Tayó
FONTE: OLIVEIRA, 2013. Pag. 13

O nariz tem a sua importância na apresentação, pois há uma associação negativa construída socialmente. A mídia deliberou sobre os corpos negros um aparato consubstanciado de situações desconfortantes em que enxergamos o puro racismo ao trazerem “codinomes” como nariz de preto, nariz de batata, entre outros. Atualmente existe uma procura significativa de um procedimento cirúrgico conhecido como rinoplastia étnica que é responsável por atender a configuração do nariz do paciente, segundo seu desejo.

Oliveira apresenta que o nariz de Tayó possui uma valorizada pepita de ouro. Nesse sentido, acrescenta ao elemento outra riqueza que precisa ser reconhecida.



Figura 4 – A boca da personagem Tayó
FONTE: OLIVEIRA, 2013. Pag. 15

Outra característica marcante da personagem é a boca. Seus lábios grandes, escuros e carnudos são comparados ao orobô. Essa típica fruta africana possui um gosto forte e, também, uma utilização medicinal. Além da exaltação da beleza, os lábios da Tayó são transformados em uma referencialidade de luta que se move “para dizer palavras de amor” (OLIVEIRA, 2013, p. 14).



Figura 5 – O cabelo black power da personagem Tayó
FONTE: OLIVEIRA, 2013. Pag. 16

Desde a titulação observamos que o black power é um ato político. O estilo do cabelo não limita-se a uma estética, mas traz uma representatividade das raízes africanas. A referência ao black power vai além do cabelo, nele identificamos uma formação de empoderamento sobre todo o corpo e subjetividade dos negros fundidos na luta contra o racismo.

A narrativa sobressalta os traços da estética negra tendo-se em vista um rompimento com padrões estereotipados e eurocêntricos, proporcionando uma conscientização da identidade e da raiz africana nas diásporas.

As ilustrações do livro infantil são recursos importantes para auxiliar a criança na compreensão da obra literária. A partir da análise das ilustrações do livro infantil, constatamos a construção de elementos que discutem as associações e as relações raciais.

As figuras se apresentam ao lado das características escritas onde detectamos que a cada desenho existe uma explicação voltada para uma adjetivação positiva. Essas evidências mostram uma autopositividade dos traços fenóticos, assim, instruídas para auxiliar a ressignificação de elementos para as crianças.

Mediante a essa singularidade, destacamos como esse recurso de identificação possibilita uma reestruturação da cor da pele para a criança negra. Ela filtra uma positividade e acarreta em si uma concepção de negritude. Logo,

as narrativas verbais e não verbais acrescentam significados e funções de reconhecimento.

Nas figuras selecionadas, temos, inicialmente, uma apresentação da personagem. Cada ilustração vincula-se a um determinado elemento fenótico, assim, percebe-se o cuidado de trabalhar a imagem em que a criança se reconheça e daí venha a se perceber nesses referenciais.

Evidenciamos que os elementos gráficos utilizados pela ilustradora, contribuem para a formação de novas perspectivas de leituras, inclusive, muitas vezes, acrescentando informações. A intervenção acontece dentro dessas situações lúdicas que são resultados da insurgência das ações afirmativas. Resultando em uma somatização que busca reparar a ideia de pertencimento.

2.3 - Entre os ambientes de representatividade

A representatividade passa por fatores determinantes. Em razão dessa observação, verificamos que os espaços da família e da escola são percursos que necessitam de uma interferência de conscientização sobre o que é ser indivíduo. O primeiro espaço é vinculado a afetividade, sendo capaz de abranger ou bloquear as iniciais identificações. Enquanto o segundo, funde-se como um espaço de sociabilidade e respeito à diversidade.

Se reconhecemos que a criança negra ou não negra prenuncia através de seu comportamento um preconceito anterior ao acesso da escolaridade temos uma problematização que levanta questionamentos: Por que uma criança negra não se identifica como indivíduo negro? Por que uma criança não negra vê preconceitosamente uma criança negra?

Diante das duas questões, podemos analisar que a criança compõe seu universo a partir das presunções que lhes são passadas pelo universo adulto. Se encontramos uma criança negra que não se identifica e outra que é preconceituosa, ambas situações nos levam a emergir pontos de como acontece essa representatividade do negro no espaço familiar, pois o primeiro contato de sociabilidade é no âmbito familiar e a criança absorve os posicionamentos ali vigentes.

Em grande parte, estigmas e estereótipos se destacaram nessa construção. Mediante a essas particularidades e articulações temos um

processo histórico, social e cultural predominante. No entanto, em razão das lutas e dos movimentos negros, houve uma reconstrução das marcas da identidade negra. E assim, novos territórios propiciaram à presença e à estética negra presunções de um ato político que aponta a necessidade de proporcionar condições sociais e educacionais para a população.

As articulações entre educação e identidade negra são processos cabíveis e consubstanciados em segmentos étnico/racial. A sua importância e contribuição proporcionaram transformações que em conjunto com os indivíduos sustentam uma nova abordagem da identidade negra.

Somando-se essas contribuições, efetivamos a ideia de que o indivíduo sofre interferência da ação do outro. Vejamos que não há uma construção isolada do “eu”, mas intermediada. Por isso, é tão importante proporcionar a criança vínculos que sejam referências positivas para a construção da sua identidade, como também, para o processo de sociabilidade.

O *corpus* apresenta a forma de conscientização de Tayó. A própria figura da mãe com seu black power, as cores envolvidas, os traços apresentados nas ilustrações e a própria fala da personagem na escola sistematiza os laços culturais, a reconstrução da memória e a afirmação da participação na historicidade do país.

O livro apresenta uma linguagem simbólica. A partir desses traços, Kiusam Oliveira e Taisa Borges apresentam uma criança feminina negra consciente da historicidade e da participação de seus descendentes. O posicionamento de Tayó frente as ocorrências diárias nos encaminham para uma reflexão do empoderamento.

Essas imagens na sua forma lúdica colaboram para o imaginário infantil. Como objeto de reflexão e através de uma linguagem simples, elas proporcionam os aspectos de representatividade, colaborando para a construção da identidade da criança negra.

A importância das historinhas de empoderamento para as crianças negras são que elas proporcionam um jogo de reflexão. E a inserção do corpo negro revestido de uma positividade, principalmente nos livros infantis, que reconfigura a auto-estima.

A nossa preocupação não é analisar a qualidade do desenho, mas observar de que forma a literatura infantil abarca a representatividade da criança

negra. Pois, as narrativas carregam em si estruturas que podem transmitir preconceitos.

O grande eixo é a problematização de como se é representado. Vejamos, que a estética negra é um projeto político revestido de apropriações e signos instituídos a quebrar lugares, funções e discursos pré-determinados pelo sistema social opressor.

Ao refletirmos sobre as representações sociais, enxergamos a existência de uma construção da identidade que se dá pelo processo interativo com o meio. Tanto a família quanto a escola são instituições que diante de suas particularidades podem favorecer ou desfavorecer a ampliação de si e dos outros.

Em sua obra *Para educar crianças feministas* (2017), a autora Chimamanda Ngozi Adiche apresenta um manifesto com quinze sugestões para criar os filhos sob uma perspectiva de respeito aos aspectos feministas. Em sua décima sugestão, ela aponta a importância do apoio e da conscientização da estética negra. Segundo Chimamanda, a criança é um ser perspicaz que identifica a beleza que é valorizada, pois ela:

Verá nos filmes, nas revistas, na televisão. Verá que se valoriza a pele branca. Perceberá que o tipo de cabelo que se valoriza é o liso ou o ondulado, e é um cabelo que cai, em vez de ficar armado. Ela vai deparar com tudo isso, quer você queira ou não. Então, garanta que ela veja alternativas. Faça-a perceber que mulheres brancas e magras são bonitas e que mulheres não brancas e não magras são bonitas. Faça-a perceber que, para muitas pessoas e muitas culturas, a definição limitada de beleza não é bonita. É você quem mais conhece sua filha, e assim é você quem sabe melhor como afirmar o tipo de beleza dela, como protegê-la para que não se sinta insatisfeita ao se olhar no espelho (CHIMAMANDA, 2017, p. 59).

São esses eixos norteadores que produzem uma significativa importância na construção da identidade da criança negra. Mediante a obra escolhida para análise, enxergamos uma personagem negra que se reconhece como indivíduo negro e que é consciente de sua ancestralidade, orgulhando-se das marcas fenóticas.

A estética negra é vinculada ao ato político. Observamos que os fios capilares da personagem se introduzem com poder desde a titulação da obra. O

black power além do próprio significado da palavra, tornou-se um símbolo político.



Figura 6 - A mãe de Tayó enfeitando seu black power
FONTE: OLIVEIRA, 2013. Pag. 23

Na imagem acima, percebemos a representatividade da figura da mãe. Os próprios elementos da ancestralidade africana presentes no cabelo e na roupa são mecanismos que auxiliam a identidade da criança Tayó. Identificamos a contribuição do âmbito familiar no posicionamento e nas colocações prescritas na obra por meio da fala da personagem.

No entanto, esse processo de empoderamento passou por um conjunto de filtros de aceitação, pois os cabelos que não se encaixavam nos modelos impostos eram submetidos a procedimentos químicos. Em razão da conscientização, a transição capilar vem como afirmação da identidade.

Em sua obra *Sem perder a raiz* (2008), Nilma Lino Gomes aponta a questão da estética negra como um dos principais vínculos da construção da identidade.

Mediante uma reflexão, constatamos que a estética negra tornou-se um alvo de degeneração, em razão dessas narrativas e mediante uma reflexão que ultrapassa os limites da estética, enfatizamos que a beleza negra é atrelada à construção identitária como algo que perpassa o complexo, afirmando que:

O destaque dado à beleza negra para pensar a construção de identidade é um tema um tanto quanto complexo. Para entender esse processo somos convidados a abrir mão de radicalismos político-ideológicos que tendem a ver a ênfase na beleza como um desvio da luta anti-racista, como uma despolitização. Para avançarmos nessa discussão, é importante ponderar que, para o negro, o estético é indissociável do político. A eficácia política desse debate não naquilo que ele aparenta ser, mas ao que ele nos remete. A beleza negra nos leva ao enraizamento dos negros no seu grupo social e racial. Ela coloca o negro e a negra no mesmo território do branco e da branca, a saber, o da existência humana. A produção de um sentimento diante de objetos que tocam a nossa sensibilidade faz parte da história de todos os grupos étnico/raciais e, por isso, a busca da beleza e o sentimento do belo podem ser considerados como dados universais do humano” (GOMES, 2008, p.130).

Vejamos que a nova produção literária vem de encontro com as padronizações europeias. São novos meios de se ver e se perceber como sujeito, e assim, contamos com uma receptividade afirmativa. Pois a invisibilidade e o silêncio foram rompidos. Outras vozes, outros rostos e outras histórias vão emergindo em um mundo tão plural e significativo.

Partindo do reconhecimento da rica herança cultural africana, teremos uma nova ótica em que se desmistifica a ideia segregadora. E um novo contexto é proporcionando.

O âmbito escolar carrega em si um peso na construção das identidades sociais. Muito se tem discutido e alertado sobre a interferência da instituição na formação e de que formas essas dimensões simbólicas estão sendo trabalhadas. Dessa forma, ater-se ao cuidado de captar as impressões e representações para que não reforcem estereótipos negativos.



Figura 7 – A resposta de Tayó frente ao racismo

FONTE: OLIVEIRA, 2013. Pag. 26

O empoderamento auxilia a personagem a rebater os aspectos de racismo dos seus colegas de classe. A conscientização da sua identidade e da ancestralidade negra são pontos manuseados de resistência que funde-se nas percepções de mundo, pois esse é um corpo social expressivo que se baseia na memória, na identidade e na referência.

. A associação da dor, da negatividade e da exclusão sobre a cor negra perpetuou por um longo tempo. Em meio a esses determinantes sociais sobre o ser negro aponta-se a necessidade de desconstruir esses códigos que degeneram. Pois a referencialidade às características físicas suscitam em um coletivo, quando se aponta o “cabelo ruim” ou o cabelo pixaim, não há uma restrição voltada a uma única pessoa, mas a um coletivo. Diante dessas implicações, notamos que os espaços estabelecem relações, avaliações e incorporam as expressões estéticas como ato político.

CONSIDERAÇÕES

Diante dos elementos representativos contidos no *corpus* da pesquisa, observamos que a literatura infantil afro-brasileira está sob uma perspectiva política de referencialidade cultural positiva para o indivíduo negro. Compreendemos que o incentivo ao processo de constituição identificatória étnico racial das crianças por via do contato literário dar-se por uma questão de desmistificar, como também, de oferecer uma proposta didática que possibilite uma construção afirmativa da sua cor.

Assim, a atmosfera literária desperta o imaginário e o interesse pela leitura, pois elas passam a se refletirem nessas historinhas infantis. Mediante os movimentos sociais, uma nova ótica viabiliza a construção da identidade negra e proporciona um reconhecimento.

Vejamos que por intermédio das historinhas, das ilustrações e da sensibilidade de autores e ilustradores, o narrar positivamente de um mundo mágico para a criança negra preenche as lacunas históricas e proporciona voz e reconhecimento aos que foram silenciados.

Essas ilustrações possuem uma linguagem expressiva capaz de apresentar para as crianças uma estrutura repleta de significações particulares, de concepções de empoderamento e de representatividade positiva que em conjunto transformam-se em ações de auto-estima.

A ressignificação e a valorização emergem em debates reconstrutores da diversidade étnico racial. Em linhas gerais, pode-se afirmar que a literatura infantil venha substanciada de símbolos que quebram os estigmas e estereótipos até então vigentes sobre o corpo negro, criando novas relações de poder e de fala.

A obra de Kiusam de Oliveira produz novos signos em relação aos processos estéticos. Assim, quando a criança feminina negra passa a se identificar na beleza das historinhas, ela compreende que a sua diferença é que a individualiza e que cada um possui um modo singular de ser. A estética negra não se limita a uma representação, mas a uma ação política de conscientização e empoderamento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1994.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. TED Global, 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>. Acesso em 10 dez 2017.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A experiência de aprender na educação infantil**. Salto para o Futuro. Ano XXIII. Boletim 9. Junho 2013.

BERND, Zilá. O literário e o identitário na literatura afro-brasileira. **Revista Língua e Literatura**, v.12, n.12, p.34, 2010.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CAVALEIRO, Eliane. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte semidada. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Teoria, análise e didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

_____. **Literatura**: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. **Literatura Infantil**: teoria. Análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um mapa de ausências. In: **Literatura Brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte/Rio de Janeiro: UERJ, 2012, p. 147-196.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Mas afinal, para que interessam a um cigano as equações?** Experiências étnico-culturais para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOMES, Naira. **Transição Capilar** — Sobre o que vai na cabeça das mulheres em Salvador. Salvador: Monografia, UFBA, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. In: **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, 80 n. 1, p. 79-91, jan./abr. 2005.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação**: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino**: os limites das políticas universalistas. UNESCO. Brasília: 2002.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JOVINO, Ivone da. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: **Literatura Afro-Brasileira**. SOUZA, Florentina & LIMA, Maria Nazaré. (orgs). Centro de Estudos Afro-Orientais Fundação Cultural Palmares. 2006.pp. 180-220

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação: uma entrevista de Jorge Larrosa para Alfredo Veiga-Neto. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MACHADO, Maria Zélia Versiana. Depois da poesia infantil, a juvenil? In: **Poesia infantil e juvenil brasileira**: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MENEZES, Waléria. **O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola**. N. 147. Ago. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/943/664>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. **RESGATE Rev. Interdisc. Cultura**, n.6, p.17-24, 1996. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/72/77>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

_____. **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2008.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de espelhos**: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Kiusam. **O mundo no black power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: **Flores da escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

RIBEIRO, Romilda Iyakemi. Até quando educaremos exclusivamente para a branquitude? Redes-de-significado na construção da identidade e da cidadania. In: POTO, M R S, CATANI, A M, PRUDENTE, C L e GILIOLI, R S. **Negro, educação e multiculturalismo**: Editor Panorama, 2002.

RIIOS, Deise Ana. **Era uma vez... um estudo bibliográfico sobre a linguagem literária em contexto de educação infantil**. Centro Universitário 2009

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas, BA. UFRB, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (organizadoras). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro, R.S.: Objetiva, 2005.